



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA EDUCATIVA NO SÍTIO HISTÓRICO DE IGARASSU-PE

DOI: 10.56579/eduinterpe.v2i1.3740

Flaviana Paulino da Silva Braga¹

¹ Mestranda em Ensino de História – ProfHistória-UEPB. E-mail: flaviana.paulino.pb@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo discute as potencialidades do ensino de História Local articulado à Educação Patrimonial, a partir de uma prática educativa desenvolvida no Sítio Histórico de Igarassu-PE, com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental. Partindo da compreensão de que o conhecimento histórico torna-se mais significativo quando dialoga com a realidade vivida pelos educandos, valorizando o território como espaço de aprendizagem. Fundamentado em autores como Freire, Bittencourt, Schmidt, Pollak e Ricoeur, o trabalho compreende a memória como construção social marcada por disputas e silenciamentos, e o patrimônio como espaço educativo não neutro. Metodologicamente, a proposta envolveu atividades preparatórias em sala de aula, aula de campo e produções autorais dos estudantes. Os resultados evidenciam que a vivência nos espaços patrimoniais favoreceu aprendizagens significativas, o protagonismo discente e contribuiu para o desenvolvimento da consciência histórica e do sentimento de pertencimento, reforçando o ensino de História Local como um caminho potente para uma educação histórica crítica, emancipadora e socialmente comprometida.

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Educação Patrimonial; Memória; Igarassu-PE.

INTRODUÇÃO

O ensino de História na Educação Básica precisa dialogar com a realidade dos estudantes para se tornar significativo. Conhecer a própria cidade, suas memórias, tradições e espaços históricos permite compreender que a história não está apenas nos livros, mas também nas ruas, nos prédios e nas histórias familiares, por exemplo. A Educação Patrimonial, nesse contexto, surge como estratégia pedagógica capaz de aproximar os alunos de seu patrimônio cultural, fortalecendo sua identidade e o senso de pertencimento à comunidade. Logo, o Sítio Histórico de Igarassu-PE, um dos mais antigos núcleos urbanos do Brasil, apresenta-se como campo fértil para práticas educativas que valorizam o território e promovem aprendizagens críticas e emancipadoras.

A memória coletiva exerce papel fundamental nesse processo, pois, como afirma Pollak (1992, p. 204), “a memória é um fenômeno construído socialmente e sujeito a transformações, seleções e silenciamentos”. Portanto, trabalhar a história local em espaços de memória demanda problematizar narrativas, ressignificar experiências invisibilizadas e compreender as disputas que moldam a preservação e a representação do passado. Essa perspectiva dialógica conversa bem com



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

as ideias de Freire (1996), ao defender que a educação crítica deve promover a leitura de mundo dos sujeitos antes mesmo da leitura da palavra.

Por conseguinte, contar a história local será, portanto, mais do que transmitir fatos; é despertar nos estudantes a percepção de que eles próprios são parte de processos históricos em constante construção. Com base nessa compreensão, o objetivo dessa prática educativa será promover, por meio da vivência no território, a valorização da memória e do patrimônio cultural, favorecendo a construção da identidade e o sentimento de pertencimento. Essa experiência foi o ponto de partida para uma aula extraclasse realizada no Sítio Histórico de Igarassu-PE no ano de 2025, que buscou articular teoria e prática, memória e experiência direta, estimulando o envolvimento crítico dos estudantes com o espaço em que vivem.

A proposta emergiu da minha prática docente na Escola de Referência em Ensino Fundamental Desembargador Carlos Xavier Paes Barretto¹, desenvolvida com estudantes do 7º ano. A necessidade da atividade tornou-se evidente ao perceber que, apesar de circularem diariamente pelo Sítio Histórico, muitos alunos não conheciam seus espaços patrimoniais, nem compreendiam sua relevância sociocultural. Em sala, esse debate ganhou força quando uma estudante reconheceu a Igreja dos Santos Cosme e Damião em uma pintura de Frans Post, mas confessou nunca ter visitado ou observado o interior do monumento. Esse episódio, simbólico e significativo, revelou o distanciamento entre vivência cotidiana e consciência histórica, e motivou a construção de uma prática educativa que aproximasse os estudantes de seu próprio território, provocando a percepção crítica de que o patrimônio não está distante — mas, literalmente, ao lado, diante e ao redor deles.

METODOLOGIA

O trabalho insere-se na área do Ensino de História, configurando-se como resultado de um projeto de ensino com abordagem qualitativa e empírica, fundamentado em pesquisa bibliográfica. A experiência foi desenvolvida com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental da EREF Carlos Xavier, no município de Igarassu-PE, no ano de 2025.

Os procedimentos metodológicos envolveram atividades preparatórias em sala de aula, com aulas dialogadas e discussão de conceitos como História Local, memória e patrimônio, seguidas de

¹ A partir deste ponto, a Escola de Referência em Ensino Fundamental Desembargador Carlos Xavier Paes Barretto será referida no texto pela forma abreviada EREF Carlos Xavier



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

uma aula de campo no Sítio Histórico de Igarassu-PE. Durante a atividade extraclasse, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação orientada, registros escritos, desenhos, fotografias e rodas de conversa.

A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa, a partir da interpretação das produções discentes e das discussões realizadas após a visita. O roteiro inicial sofreu adaptações em função do tempo disponível, sem comprometer os objetivos da proposta pedagógica.

1. HISTÓRIA LOCAL COMO ABORDAGEM PEDAGÓGICA

1.1 Quando o passado mora no Gramado: o significado da História Local

O ensino de História Local constitui uma abordagem didática que busca aproximar o estudante do conhecimento histórico a partir de sua realidade imediata. Essa perspectiva considera que a História não está distante, mas pulsa nas ruas, na arquitetura, nas práticas culturais e nas memórias do lugar onde se vive. Como afirma Schmidt (2014), aprender História é compreender as múltiplas temporalidades que atravessam o cotidiano, permitindo que os sujeitos interpretem as relações sociais e produzam sentidos para seu próprio percurso histórico.

Essa abordagem se torna ainda mais significativa quando articulada a experiências concretas de observação e vivência, como a aula de campo. Bittencourt (2011, p. 67) destaca que a aula de campo “possibilita ao aluno estabelecer conexões diretas com as evidências históricas, percebendo o espaço como documento e fonte de conhecimento”. No caso do Sítio Histórico de Igarassu-PE, os monumentos como, a Igreja Matriz dos Santos Cosme e Damião, o Convento do Sagrado Coração de Jesus, o Convento e Igreja de Santo Antônio, o Museu Pinacoteca de Igarassu, o Museu Histórico de Igarassu, a Casa de Câmara e Cadeia e Sobrado do Imperador, compõem um cenário privilegiado para análise crítica da formação histórica do Brasil, sobretudo no contexto colonial.

A memória coletiva ocupa lugar central nessa prática pedagógica. Pollak (1992) destaca a necessidade de problematizar o caráter seletivo da memória, uma vez que:

A memória não é apenas um instrumento intelectual para reter o passado, mas um fenômeno eminentemente social, sujeito a manipulações, confrontos e disputas em função de grupos, interesses e relações de poder (Pollak, 1992, p. 205).



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

Trabalhar com patrimônio e memória implica compreender que as narrativas presentes nos espaços históricos são construções que podem silenciar grupos, experiências e conflitos. Ricoeur (2007), ao discutir memória e narrativa, afirma que toda construção memorial é marcada pela tensão entre lembrar e esquecer, além de permitir ao estudante uma consciência crítica ao perceber o patrimônio não como objeto cristalizado, mas como expressão viva de disputas e com sentidos múltiplos.

Paulo Freire (1996) reforça essa dimensão humanizadora da educação ao afirmar que a aprendizagem deve partir da realidade concreta do sujeito. Nesse sentido, o autor destaca que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, sobretudo quando se trata de conhecer o mundo em que vivem e suas relações históricas e culturais” (Freire, 1996, p. 31).

Uma prática educativa pautada pela História Local exige que o professor reconheça os estudantes como sujeitos sociais, valorizando suas memórias, percepções e vínculos afetivos com o território. Nesse sentido, José d’Assunção Barros (2004) amplia essa reflexão ao afirmar que “o local constitui-se como um microcosmo do social, oferecendo elementos concretos para análise histórica que, quando articulados criticamente, possibilitam compreender estruturas macro-históricas” (Barros, 2004, p. 53).

Nessa perspectiva, a aula de campo no Sítio Histórico de Igarassu-PE não busca meramente apresentar monumentos, mas promover um olhar investigativo sobre o território, estimulando nos estudantes a capacidade de: (1) identificar permanências e transformações no espaço urbano; (2) relacionar elementos do patrimônio local a processos históricos nacionais; (3) compreender a atuação de diferentes sujeitos históricos, inclusive grupos invisibilizados; (4) refletir sobre práticas de conservação e abandono do patrimônio; e (5) reconhecer a memória como construção social de pertencimento.

Ao percorrer espaços como a Igreja dos Santos Cosme e Damião, o Convento de Santo Antônio e a Pinacoteca, o Museu de Igarassu e o “Gramado” (espaço onde está localizado esses monumentos), os estudantes entram em contato com monumentos que testemunham ciclos econômicos, disputas coloniais, práticas religiosas e reconfigurações sociais. No entanto, cabe ao professor problematizar esses espaços e estimular perguntas críticas, uma vez que o patrimônio também pode reforçar narrativas oficiais, apagando resistências e histórias populares (Pesavento, 2003).



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

A experiência no Sítio Histórico de Igarassu-PE deve ir além da visita passiva, configurando-se como prática investigativa, dialógica e emancipadora, na qual a pesquisa, o diálogo e a reflexão se tornam elementos estruturantes da aprendizagem. É preciso que os estudantes sejam convidados a interrogar o espaço, a identificar ausências, a compreender conflitos e a reconhecer que o patrimônio não é neutro, mas resultado de escolhas políticas feitas ao longo do tempo. Ao serem estimulados a relacionar o passado às problemáticas atuais de preservação, uso e pertencimento, os alunos ampliam sua capacidade de análise histórica e desenvolvem uma consciência crítica sobre o território em que vivem.

Desse modo, a aula de campo transforma-se em um momento de formação cidadã, pois o estudante passa a compreender que a memória e o patrimônio são responsabilidades coletivas que atravessam o próprio tempo entre o passado e presente, exigindo participação ativa da comunidade. Essa perspectiva contribui para que percebam sua própria agência no processo de valorização, preservação e ressignificação desses espaços, reconhecendo-se não apenas como espectadores da história, mas como sujeitos capazes de produzir novas leituras, novos sentidos e novas narrativas sobre o lugar onde vivem.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: DA SALA DE AULA AO SÍTIO HISTÓRICO

2.1 O passeio que virou aula: um roteiro de descobertas

A atividade prática foi estruturada como uma aula extraclasse, envolvendo os alunos do 7º ano do ensino fundamental da EREF Carlos Xavier em Igarassu-PE. A aula de campo integra uma abordagem metodológica que busca valorizar a experiência concreta dos estudantes com os espaços de memória e patrimônio. Essa prática educativa visou construir uma leitura crítica do território e compreender como elementos históricos se materializam e se transformam ao longo do tempo.

Antes da visita, foram realizadas atividades preparatórias em sala de aula para ativar os conhecimentos prévios dos alunos. Nelas, foram introduzidos os conceitos de patrimônio, história local, memória e identidade, além de relatos sobre a história de Igarassu-PE, com o objetivo de estimular a curiosidade e o engajamento do grupo. Essas atividades prévias foram estruturadas com o objetivo de promover uma aproximação inicial entre os estudantes e o conceito de patrimônio histórico e cultural, por meio de uma aula dialogada. Nesse momento, buscou-se valorizar os



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

conhecimentos prévios dos discentes, favorecendo a construção coletiva do entendimento sobre o significado do patrimônio para a identidade local e para a preservação da memória.

De acordo com Freire (1996), o educador deve partir dos saberes dos educandos e de sua realidade concreta, pois “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, sobretudo quando se trata de conhecer o mundo em que vivem” (Freire, 1996, p. 31). Nessa mesma perspectiva, Tolentino (2012) ressalta que a educação patrimonial não pode reduzir o estudante à condição de receptor passivo, mas deve reconhecê-lo como sujeito portador de memórias, referências culturais e experiências que constituem pontos de partida pedagógicos fundamentais. Em uma de suas formulações, o autor enfatiza que:

A educação patrimonial, quando entendida apenas como transmissão de conteúdos sobre monumentos e objetos, torna os estudantes espectadores passivos. É necessário transformar o patrimônio em experiência significativa, conectada ao cotidiano e à história de vida dos sujeitos, para que se reconheçam como parte integrante do processo de construção e preservação da memória social. (Tolentino, 2012, p. 47).

O debate acerca do que os estudantes já conheciam sobre Igarassu-PE permitiu identificar percepções, experiências e representações sobre o território, possibilitando ao professor planejar estratégias pedagógicas que dialogassem com as realidades e expectativas do grupo. Essas discussões contribuíram para revelar o profundo distanciamento existente entre a vivência cotidiana e a compreensão histórica do patrimônio, evidenciando a necessidade de metodologias que provoquem deslocamentos cognitivos e sensíveis.

Em seguida, realizou-se a exibição de imagens do Sítio Histórico de Igarassu, acompanhada de uma discussão orientada. Essa etapa teve como propósito desenvolver um olhar investigativo sobre os espaços de memória, instigando os alunos a formular perguntas que orientariam a observação durante a aula de campo. Bittencourt (2011) ressalta que o ensino de História ganha significado quando o aluno é colocado em contato com as evidências do passado, reconhecendo o espaço como documento histórico. Nessa perspectiva, a distribuição de um roteiro impresso com pontos de observação e questões de registro constituiu-se como instrumento metodológico importante para sistematizar as percepções dos estudantes e favorecer a análise crítica do patrimônio local, conforme propõe Schmidt (2014), ao compreender o ensino de História como processo de formação de sujeitos capazes de interpretar o mundo e construir sentidos para sua experiência histórica.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

2.2 Aula de campo: o Sítio Histórico de Igarassu como espaço de aprendizagem

Durante a realização da aula de campo, os 50 estudantes foram conduzidos a diferentes espaços do Sítio Histórico de Igarassu-PE, selecionados por sua relevância na constituição da memória e da identidade local. A visita iniciou-se na Praça da Matriz², onde foram realizadas observações e explicações iniciais acerca das transformações urbanas e da função social desses espaços públicos desde o período colonial até os dias atuais. Em seguida, o grupo se dirigiu ao Convento de Santo Antônio e à Pinacoteca, locais que possibilitaram reflexões sobre o papel das ordens religiosas na colonização e na educação, além de observações sobre a arquitetura e as manifestações artísticas ali preservadas. Posteriormente, a turma visitou a Igreja dos Santos Cosme e Damião, considerada a mais antiga do Brasil³, analisando elementos da iconografia religiosa e discutindo o papel da Igreja Católica na formação cultural e espiritual do território.

Embora o roteiro inicial previsse a visita ao Museu de Igarassu, ao Sobrado do Imperador e à Câmara Municipal, essas etapas não puderam ser realizadas devido ao tempo já avançado, sendo necessário o retorno à escola. Apesar dessa limitação, os espaços efetivamente visitados proporcionaram aos alunos experiências significativas de aprendizagem, marcadas pela observação direta e pela escuta orientada sobre os processos históricos e culturais que compõem a cidade. Bittencourt (2011, p. 168) destaca que “a relação direta com o espaço histórico e patrimonial possibilita ao aluno compreender o passado como parte de sua própria realidade”, tornando o conhecimento histórico mais concreto e significativo. Assim, a visita ao Sítio Histórico permitiu que os estudantes percebessem a História não apenas como conteúdo escolar, mas como uma construção viva, presente no cotidiano e nos espaços que frequentam.

As atividades desenvolvidas durante a aula de campo incluíram a observação guiada, o registro em diário com anotações, esboços e fotografias, além de rodas de conversa em pontos estratégicos, permitindo aos estudantes analisarem criticamente os espaços visitados e refletir sobre as memórias e narrativas presentes no patrimônio local. As discussões foram orientadas por problemáticas centrais: “*Quem é lembrado e quem é esquecido aqui?*” e “*Que histórias este espaço*

² O adro situado diante da Igreja Matriz de Santos Cosme e Damião, ladeado pelo casario antigo e simples, constitui um espaço de convivência inserido no núcleo histórico de Igarassu, integrando visualmente o templo à paisagem ao seu redor.

³ BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Igreja dos Santos Cosme e Damião – Igarassu (PE). Brasília: IPHAN / Programa Monumenta-BID, s.d., p. 3.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

conta e quais silencia?''. Essas perguntas buscaram estimular a reflexão crítica sobre a seleção das memórias e narrativas presentes no patrimônio histórico. Conforme Pesavento (2003, p. 45), “os lugares de memória são construções simbólicas, nas quais o visível e o invisível se cruzam, e por isso exigem leitura atenta e contextualizada”. De modo complementar, Barros (2004) observa que o estudo do local permite compreender a sociedade em sua dimensão micro-histórica, revelando relações de poder e identidades que se materializam no espaço urbano. Nessa perspectiva, Pollak (1992) ressalta que a memória é seletiva e socialmente construída, sendo resultado de disputas simbólicas que definem o que é lembrado e o que é silenciado. Sob esse ponto de vista, a aula de campo constituiu-se como uma experiência de leitura histórica do território, unindo prática educativa, reflexão crítica e consciência patrimonial.

Paulo Freire (1996) defende que o processo educativo deve promover a consciência crítica e libertadora, na qual o aluno se torna sujeito da própria aprendizagem. Essa visão dialoga diretamente com a proposta da atividade, que, ao situar o estudante diante do patrimônio histórico de sua cidade, rompe com a lógica tradicional do ensino bancário e o convida a ser protagonista da construção do conhecimento. Ao observar, questionar e registrar o que vê, o educando aprende a relacionar passado e presente, compreendendo-se como parte integrante da história que estuda.

IMAGEM 1: CONVENTO E IGREJA SANTO ANTÔNIO



II Congresso de Educação e Práticas Escolares



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

IMAGEM 2: SACRISTIA DO CONVENTO E IGREJA SANTO ANTÔNIO



Fonte: Acervo Pessoal (2025)



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

IMAGEM 3: PINACOTECA DO CONVENTO E IGREJA DE SANTO ANTÔNIO



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

IMAGEM 4: IGREJA DE SANTOS COSME E DAMIÃO



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

3. PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

3.1 Nas trilhas dos sentidos: modos de perceber, vivenciar e significar o espaço

A etapa final da proposta pedagógica teve como principal objetivo sistematizar os conhecimentos sentidos e compartilhados pelos estudantes durante a aula de campo e promover a



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

reflexão crítica e a produção autoral dos estudantes. Ao longo da visita, os alunos demonstraram grande interesse e participação. Muitos relacionaram os monumentos a histórias familiares e tradições comunitárias, evidenciando a articulação entre memória individual e coletiva. Outros destacaram a necessidade de preservar os espaços visitados, reconhecendo o patrimônio como uma herança compartilhada. Os registros produzidos – desenhos, anotações e relatos – revelaram que a atividade mobilizou dimensões afetivas, identitárias e cognitivas. Os estudantes não apenas observaram os monumentos; sentiram, interpretaram e refletiram sobre seu significado, integrando aprendizagem histórica, vivência pessoal e responsabilidade cidadã.

Após o retorno à escola, as experiências vivenciadas no Sítio Histórico de Igarassu-PE foram retomadas em sala de aula por meio de rodas de conversa e trocas de percepções, permitindo que os alunos reconstruíssem coletivamente os significados do percurso realizado. Conforme Paulo Freire (1996), o conhecimento se consolida na prática reflexiva, quando o educando é convidado a pensar criticamente sobre sua própria realidade e a participar da construção de novos saberes. Assim, essa etapa representou um momento de síntese e reelaboração, no qual os estudantes puderam articular observações, sentimentos e aprendizagens em torno da história e do patrimônio local.

As ações desenvolvidas compreenderam a socialização das observações feitas durante a visita e a produção de relatórios reflexivos, nos quais os alunos expressaram suas impressões sobre os espaços visitados e os sentidos do patrimônio na formação da identidade comunitária. De acordo com Bittencourt (2011), o ensino de História deve promover o protagonismo discente e valorizar a autoria dos estudantes, possibilitando que eles se tornem produtores de interpretações sobre o passado e sobre os lugares de memória. A escrita dos relatórios, portanto, configurou-se como uma prática de autoria e de análise crítica, permitindo que o aluno deixasse de ser mero receptor de informações para se tornar sujeito ativo na elaboração do conhecimento histórico bem como na produção de material pedagógico sobre o espaço em questão.

Além dessas atividades, foi organizado um concurso cultural com os desenhos e maquetes produzidos pelos estudantes, seguido de um debate final sobre a preservação do patrimônio e as identidades locais. A culminância se deu com a exposição dos trabalhos artísticos, celebrando a criatividade e o envolvimento dos alunos. Nesse contexto, a aluna Shayna Nascimento, do 7º ano B, foi premiada pela qualidade e sensibilidade de seu desenho, que retratou elementos simbólicos do Sítio Histórico de Igarassu-PE. Como destaca Pollak (1992), a memória é um campo de disputas e



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

seleções, e atividades como essa permitem que novas vozes e perspectivas ganhem visibilidade no processo educativo. Dessa forma, o encerramento da proposta reafirmou o valor da História Local como instrumento de construção identitária e de valorização das experiências individuais e coletivas.

IMAGEM 5: MURAL DOS DESENHOS INSCRITOS NO CONCURSO CULTURAL



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

IMAGEM 6: MAQUETE DA PRAIA DO CAPITÃO-MANGUE SECO - ALUNO MIGUEL HALBERT



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

IMAGEM 7: MAQUETE DO SÍTIO HISTÓRICO DE IGARASSU-PE ALUNO SAMUEL MATHEUS



II Congresso de Educação e Práticas Escolares



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

IMAGEM 8: DESENHO VENCEDOR DO CONCURSO REPRESENTANDO O "GRAMADO". ALUNA SHAYNA NASCIMENTO



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

A experiência mostrou que aprender História é mais significativo quando os alunos vivenciam os conteúdos de forma concreta. Schmidt (2014) destaca que a aprendizagem significativa ocorre quando teoria e prática se articulam. Caminhar pelas ruas de Igarassu, observar detalhes arquitetônicos, objetos e paisagens permitiu aos alunos compreender processos históricos, tradições culturais e a importância da preservação patrimonial. Essa abordagem transformou o espaço urbano em uma “sala de aula viva”, em que a cidade e seus patrimônios atuaram como mediadores do conhecimento. O



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

aprendizado deixou de ser abstrato, tornando-se experiencial, reflexivo e conectado à realidade dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo refletir sobre patrimônio, memória e ensino de História Local, articulada à prática educativa desenvolvida no Sítio Histórico de Igarassu-PE, evidenciando a potência formativa do estudo do lugar onde o estudante vive. Ao reconhecer o território como espaço de produção de sentidos e disputas, promove-se uma educação histórica comprometida com a construção de identidades críticas, sensíveis à diversidade e conscientes de seus papéis sociais ao qual responde de forma consistente aos objetivos inicialmente proposto.

A aula de campo, compreendida como prática investigativa e dialógica, permitiu que os estudantes estabelecessem aproximações entre o passado e o presente, lendo o espaço como documento histórico e identificando elementos que expressam tanto permanências quanto transformações. Nessa perspectiva, o processo educativo não se limitou à observação dos monumentos, mas ampliou-se para a interpretação crítica, estimulando questionamentos acerca das narrativas hegemônicas e da memória como construção social. Nesse sentido, o estudo contribui para o campo do Ensino de História ao reafirmar a História Local como abordagem pedagógica capaz de promover uma educação crítica, dialógica e socialmente comprometida.

Freire (1996) nos lembra que a educação deve ser prática de liberdade, e ao trabalhar a História Local a partir da experiência concreta dos sujeitos, reafirma-se a centralidade de um ensino que valoriza saberes, experiências e identidades. Do mesmo modo, Pollak (1992) e Ricoeur (2007) auxiliam na compreensão de que a memória é seletiva, marcada por disputas e silenciamentos, e por isso é papel da escola problematizar discursos cristalizados e abrir espaço para narrativas plurais.

Nesse sentido, estudar o Sítio Histórico de Igarassu-PE não significa apenas conhecer seu conjunto arquitetônico, mas compreender as camadas históricas que o constituem, da presença indígena anterior à colonização às reconfigurações urbanas contemporâneas. A prática educativa aqui analisada demonstrou que a investigação do local possibilita ao estudante construir vínculos identitários e desenvolver uma consciência histórica que o permite reconhecer-se como sujeito ativo e responsável pela preservação e reinterpretação do patrimônio.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

Como limites da pesquisa, destaca-se o tempo reduzido para a realização integral do roteiro previsto, o que restringiu a visita a alguns espaços do Sítio Histórico. Ainda assim, tal limitação não comprometeu os objetivos da proposta. Sugere-se que futuras investigações ampliem o tempo de intervenção pedagógica, explorem outros espaços de memória e aprofundem a análise das produções discentes, contribuindo para o fortalecimento de práticas educativas voltadas à valorização do patrimônio cultural e da identidade local.

Portanto, reafirma-se que o ensino de História Local, quando desenvolvido a partir do território vivido e mediado por práticas educativas investigativas, amplia as possibilidades de formação cidadã, ao permitir que os estudantes reconheçam a si como sujeitos históricos ativos, responsáveis pela preservação, ressignificação, e continuidade das memórias e dos patrimônios que constituem sua comunidade.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

REFERÊNCIAS

- BARROS, José d'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Igreja dos Santos Cosme e Damião – Igarassu-PE**. Brasília: IPHAN; Programa Monumenta-BID, [s.d.]. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/10_roteiro_patrimonio_igreja_cosme_damiao_igarassu_pe.pdf. Acesso em: 22 nov. 2025.
- CAVALCANTI, Erinaldo. **História e história local: desafios, limites e possibilidades**. Revista História Hoje, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 272-292, jun. 2018. 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- IPHAN. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & memória: o tempo vivido e o tempo construído**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Consciência histórica e narrativa**. Curitiba: UFPR, 2009.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensino de História e consciência histórica**. Curitiba: Editora da UFPR, 2009.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensino de História: memória, identidade e formação**. Curitiba: Editora da UFPR, 2014.
- SEE-PE. **Currículo da Educação Básica de Pernambuco: História**. Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, 2025.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a construção social da identidade e da diferença. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TOLENTINO, Átila. **Educação patrimonial e cidadania:** caminhos para preservação. Brasília: IPHAN, 2012.